

O POLÍTICO E O CIENTÍFICO NA PRODUÇÃO E NA CIRCULAÇÃO DO CONHECIMENTO LINGÜÍSTICO

Verli PETRI; Amanda E. SCHERER (LABORATÓRIO CORPUS-PPGLETRAS/UFSM)
vpetri@terra.com.br; amandael@terra.com.br

O presente trabalho se propõe discutir questões relativas ao funcionamento do político e do científico na produção e na circulação do conhecimento lingüístico na contemporaneidade. A perspectiva teórica que norteia as discussões inscreve-se no âmbito do materialismo histórico e pode ser compreendida em suas relações com a história da disciplinarização moderna dos estudos da linguagem. Temos desenvolvido três eixos de trabalho, conforme segue: a) a constituição disciplinar e suas relações com a formação do pesquisador; b) a institucionalização de uma política de línguas e sua influência na história disciplinar moderna; c) as ideologias e as representações sobre a língua em instrumentos lingüísticos destinados ao ensino-aprendizagem da mesma. Estamos amparados teórica e metodologicamente em estudiosos europeus que se propõem a construir uma história das teorias científicas (dentre os quais destacamos os trabalhos de Sylvain Auroux (1998; 2000)). Interessa-nos refletir sobre as relações que se estabelecem entre as políticas lingüísticas desenvolvidas no Brasil nos últimos tempos e o espaço destinado ao trabalho do lingüista no cenário nacional e internacional. Compreendemos que as relações entre o político e o científico se dão no interior do processo, num espaço de tensão e de contradições e, nesse sentido, levantamos questões, tais como: quais são as formas de participação dos lingüistas na elaboração e efetivação de ações políticas? Qual é o papel do lingüista brasileiro no cenário de política lingüística nacional e internacional? De que maneira a produção do conhecimento científico intervém no estabelecimento de políticas lingüísticas no Brasil? Objetivamos, a partir delas, discutir o lugar do lingüista nas políticas lingüísticas que este país

implementa a cada ano. Sabe-se que, por muito tempo, coube aos políticos a elaboração/implementação das políticas lingüísticas e coube aos lingüistas recebê-las, aceita-las e estuda-las em seus impactos e efeitos; mas, atualmente, nos parece que esta divisão de tarefas já não funciona. É preciso que o lingüista intervenha no processo, enquanto produtor de conhecimento científico, para que o “saber” seja constitutivo do processo de formulação, institucionalização, efetivação e avaliação das políticas lingüísticas.

Referências bibliográficas:

AUROUX, S. . Les enjeux de la linguistique de terrain. *Langages*, Paris, n° 129, 1998.

____. *Histoire des idées linguistiques*. Liège: Mardaga, 2000.